

# EM BUSCA DE UM CONCEITO DE COMUNICAÇÃO

EN BUSCA DE UN CONCEPTO DE COMUNICACIÓN  
*IN PURSUIT OF A CONCEPT OF COMMUNICATION*

## Paulo Celso Silva

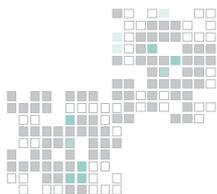
■ Mestrado e Doutorado em geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Pós doutorado na Universitat de Barcelona e pós doutorado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Entre as publicações está 'Walt Disney's Celebration City' (reflexões sobre comunicação e cidade). Professor do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso.

■ E-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

## Míriam Carlos Silva

■ Doutora em Comunicação e Semiótica. Professora titular da Universidade de Sorocaba. Publicações: Comunicação visual urbana: o texto híbrido da mídia mural, Intercom, 2009. A pele palpável da palavra, Sorocaba/SP: Provocare, 2009. Comunicação e cultura antropofágicas: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana. Porto Alegre/Sorocaba: Sulina/Eduniso, 2007.

■ E-mail: miriam.silva@prof.uniso.br



## RESUMO

O artigo propõe uma reflexão acerca da comunicação utilizando referências como o metáporo de Ciro Marcondes Filho, a artificialidade da Comunicação de Vilém Flusser e os fluxos de Michel Serres. Buscamos a comunicação como evento transformador, único, irrepitível, no qual entra em jogo também a inserção da subjetividade e da intuição. Procuramos a permissão e o rigor de um método que se possa construir em paralelo com o olhar para os objetos da comunicação, que se descubra no processo e que seja transitório e flexível como a própria comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** COMUNICAÇÃO; METÁPORO; ARTIFICIALIDADE; FLUXOS.

## RESUMEN

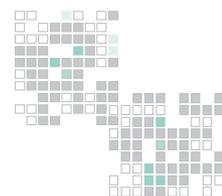
El artículo propone una reflexión sobre la comunicación con referencias como metáporo de Ciro Marcondes Filho, la comunicación de forma artificial de Vilém Flusser y, con Michel Serres y los flujos. Buscamos la comunicación como un evento de transformación, único, irrepitible, que entra en juego también la inserción de la subjetividad y la intuición. Buscamos el permiso y la exactitud de un método que se puede construir en paralelo en busca de objetos de comunicación, que se descubre en el proceso y es transitorio y flexible como la propia comunicación.

**PALABRAS CLAVE:** COMUNICACIÓN; METÁPORO; ARTIFICIALMENTE; LOS FLUJOS.

## ABSTRACT

The article proposes a reflection on communication using references such as Ciro Marcondes Filho's metáporo, the artificiality of communication by Vilém Flusser and Michel Serres' flows. It views communication as a transforming, unique, unrepeatable event, in which also comes into play the insertion of subjectivity and intuition. It looks for the permissiveness and the accuracy of a method that can be built simultaneously while looking for objects of communication, which are discovered in the process are as transitory and flexible as the communication itself.

**KEYWORDS:** COMMUNICATION; METÁPORO; ARTIFICIALITY; FLOWS.



## 1. De qual comunicação estamos tratando? O metáforo de Marcondes Filho

É evidente a busca da Comunicação por sua autonomia como ciência, como área de estudos e produção de conhecimento, embora seja impossível negar o caráter interdisciplinar da comunicação, o que significa que, por mais autônoma que ela possa se tornar como disciplina, não poderá se desvincular por completo de outras áreas. A começar pelo fato de que seus teóricos mais conhecidos e utilizados vêm de áreas distintas, especialmente das Ciências Sociais, da Filosofia, da Antropologia e da Semiótica. Desta forma, o que seriam as teorias da comunicação? É possível se falar em teorias da comunicação? A comunicação é uma área suficientemente científica para produzir teorias, ou se trata de um objeto sobre o qual se debruçam as outras áreas? Ciro Marcondes Filho afirma que:

*As teorias da comunicação estão cansadas. Já foram tão usadas que ficam repetindo os mesmos clichês eternamente, que servem o tempo todo, apesar de desgastadas, às mesmas teses, aos mesmos ensaios, aos mesmos pesquisadores que não se cansam de reprisá-las (2008, p. 51).*

Qual o sentido, portanto, de se reprisar as mesmas teses e as mesmas teorias se a comunicação mudou e se o mundo mudou fundamentalmente por causa da comunicação? Dentre as mudanças mais significativas deste e do século anterior, estão, evidentemente, as novas tecnologias da comunicação e da informação. Em constante obsolescência e inovação, os aparatos alteram profundamente a paisagem, o tempo, o espaço, a linguagem e, enfim, a cultura. Assim, Marcondes Filho aponta para o fato de que embora Benjamin, Adorno, Peirce e Shannon não possam ser descartados, as posições teóricas destes professores “pertencem a outro mundo em que não havia a comunicação digital, as informações em tempo real, a realidade virtual” (ibidem). Desta forma, no mundo transformado de hoje, há que se propor um novo quadro teórico, mais aberto, mais maleável, como a própria contemporaneidade.

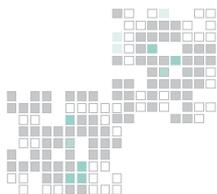
Marcondes Filho defende o fato de que a comunicação é algo inapreensível, incapturável, um fenômeno que não pode ser separado, segmentado, e que não permite nenhuma verdade absoluta, por seu caráter intraduzível. A partir desta premissa, poderia se chegar à conclusão sobre a inutilidade dos estudos comunicativos, fato que invalidaria a própria comunicação como área investigativa e de produção do conhecimento. Porém, uma saída para entender a comunicação a que se refere o autor é a percepção de que, embora inapreensível, ela “nos toca, nos envolve, nos faz mudar de posição”. Marcondes Filho complementa dizendo que:

*Ela é um processo social, um acontecimento, uma combinação de múltiplos vetores (sociais, históricos, subjetivos, temporais, culturais) que se dá pelo atrito dos corpos e das expressões, algo que ocorre num ambiente, permitindo que se realize, a partir dela, algo novo entre os participantes do ato comunicativo, algo que não possuíam antes e que altera seu estatuto anterior (2008, p. 52).*

Para Marcondes Filho, este é um traço de relevância da comunicação, alterar as coisas, de transformá-las, de não permitir que se mantenham como antes. Assim:

*Ninguém sai ileso após um ato verdadeiramente comunicacional. Se sair ileso é porque a comunicação não se efetivou, ficou presa nos rituais, no formalismo, da repetição infundável do mesmo (Sfez), no giro contínuo do não-acontecido, no fluxo morto de seu movimento recursivo (ibidem).*

Por isso a comunicação efetiva é bastante específica e diferenciada. Não se trata da novela cujo final é extremamente previsível, apegado a fórmulas que se repetem com algumas poucas modificações que não chegam a causar nenhum abalo. Não poderíamos chamar de comunicação o telejornal apresentado por uma gestualidade rígida, por uma simulação facial de seriedade narrada imparcialmente, nem podemos chamar de comunicação o bom dia



## A comunicação, portanto, estaria distante dos rituais que a objetivam ou mesmo a simulam, da formalidade contida nas interações sociais, nas gramáticas.

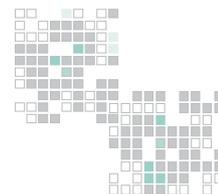
dito e respondido automaticamente, de maneira fria e que não muda nem o dia, nem quem o desejou (desejou?) e nem quem o respondeu (respondeu?). A comunicação, portanto, estaria distante dos rituais que a objetivam ou mesmo a simulam, da formalidade contida nas interações sociais, nas gramáticas. Marcondes Filho (2008, p. 53) explica que ela está além dos grandes meios de comunicação social que veiculam signos comunicacionais. Segundo o autor, é necessário que ocorra o “evento comunicacional”, e para que haja evento é necessário ir além dos signos para um mergulho mais profundo, nos significados apreendidos além do óbvio e inesperadamente.

A comunicação de que nos fala Marcondes Filho está “além da linguagem, além do signo, além da significação, construindo sentidos imprevisíveis, únicos, irrepitíveis, inesperados” (ibidem). Partindo deste raciocínio é que nos parece justificável afirmar que a arte pode ser um meio eficaz para a comunicação, senão a única comunicação possível, por este caráter de ir além da linguagem, além da significação. Trata-se de uma linguagem fundamentada na imprevisibilidade, na irrepitibilidade, no inesperado. Trata-se de um evento centrado na experiência e que leva os envolvidos para um devir que não descarta a subjetividade da própria experiência, ao contrário, conta com ela.

Embora troquemos mensagens todos os dias, com o objetivo evidente de nos comunicar, para Marcondes Filho esta comunicação relacional “não interfere em nada, não ultrapassa a membrana que isola cada um de nós do mundo circundante” (idem, p. 54). Comunicamos, de algum modo, para nos enganar; para esquecer a nossa profunda incomunicabilidade e isolamento. Mas há outro nível de comunicação, segundo o autor, menos vigiado

e ostensivo e segundo processos, inclusive, inconscientes, em que “a membrana é atravessada e são revolvidas as certezas instaladas, criando-se a mudança. Ocorreu a comunicação efetiva” (ibidem). Mais uma vez, nos parece que podemos, neste caso, nos encontrar no território (não só, mas especialmente) da arte, território movediço, capaz de abalar as certezas existenciais e de linguagem (já que a nossa consciência é linguística, segundo Bakhtin), capaz de reestruturar o nosso olhar, oferecendo-nos não apenas uma possibilidade de representação do mundo que nos circunda, mas propondo um novo modelo de mundo, inventado, e que pode servir para se reconstituir o mundo “real” que nos cerca. Em “O cão andaluz”, Buñuel propõe, por meio do olho em *close* cortado longitudinalmente por uma navalha, um corte epistemológico e um novo modo de enxergar as coisas (Coelho Netto). É certo que existem outros territórios capazes de propor o mesmo, mas a arte consegue promover esse corte, ao qual desejamos chamar de comunicação efetiva.

Assim, ainda sustentados por Marcondes Filho, como propor um método para o estudo da comunicação, que venha a contemplar a dimensão comunicativa como um acontecimento transformador, irrepitível e único? O autor explana que é necessário trabalhar com o estudo do acontecimento comunicacional, ou seja: “o acontecimento resulta dos corpos, de suas misturas, mas ele é diferente disso: ele é seu atributo incorpóreo” (Marcondes Filho, 2008, p. 55). Depois do acontecimento, somos outros, jamais os mesmos. E este incorpóreo é imensurável, impalpável, diferente para cada um que o experimenta. Para tanto, investigar o incorpóreo resultante da vivência comunicativa, ao invés de um método, explicita Marcondes Filho, cabe um “quase método” que se propõe a capturar o transi-



tório, a aceitar o desafio da apreensão daquilo que não se consolida, a recolocar a dúvida de Heráclito: “como fazer para se pesquisar aquilo que não se conhece?” Isso só pode se conseguir por meio da aposta numa ciência nômade.

Ao tratar da comunicação como uma ciência nômade, Marcondes Filho, apoiado em Vilém Flusser, explica que este concebe o pensamento nômade como aquele:

*das pessoas que acreditam no vento e não no solo, que vão atrás de algo, não importando a meta perseguida; a busca nunca termina, nem mesmo quando ela é atingida. Para o pensamento nômade, todas as metas são estações intermediárias, estão juntas ao caminho e, como totalidade, o caminhar é um método sem meta (2008, p. 57).*

Por isso a proposição de Marcondes Filho para uma nova teoria da comunicação refuta o termo método, tendo em vista “o rigor de um caminhar determinado, consolidado, rígido de pesquisa, que não dá espaço ao aparecimento da imprevisibilidade”. O autor propõe o metáporo (meta + poros):

*A partir de Sarah Kofman e seu conceito de poros, caminho que se desbrava a si mesmo, como uma embarcação que abre sua própria rota enquanto segue – ao estilo do que fala Freud a respeito dos sonhos – e que, diferente da oficialidade de um odos, é essa abertura de uma passagem por uma extensão caótica, um poros, introduzindo vias diferenciadas, tornando possíveis outras direções no espaço (ibidem).*

Para Marcondes Filho trata-se, portanto, de um percurso a ser construído no processo de investigação, longe de um percurso fechado, delimitado, mas: *um emaranhado pulsante e vivo, de momentos, fluxos, vetores, órbitas e cruzamentos. E, no interior desse grande mapa, o que interessa à investigação são os interstícios, as superfícies de contato, os pontos de transmissão, ou seja, aquilo que realiza a função do meio (ibidem).*

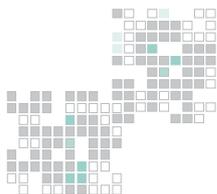
A arte, como linguagem polissêmica, centrada na experiência, afirmamos, pode ser, portanto, um metáporo para se entender o incorpóreo da comunicação. Colocar a arte e a comunicação em diálogo passa pela opção de um pensamento nômade, movimento, atento às entrelinhas, às brechas, aos possíveis, e não aos prováveis. É esta a comunicação que nos interessa, libertária e provisória. Ao que parece, muito deste incorpóreo do evento comunicacional, apontado por Marcondes Filho, passa também pelo conceito de comunicação de Flusser.

## 2. A comunicação para Flusser – comunicação, cultura e art(e)ifícios

Para Flusser a comunicação humana é um processo artificial. Trata-se de um fenômeno constituído de artifícios, de descobertas, de ferramentas, de instrumentos. Símbolos são organizados em códigos que procuram fazer com que o homem se esqueça, ainda que temporariamente, da sua condição inescapável de ser mortal. O autor explica que “os homens comunicam-se uns com os outros de maneira não natural” (FLUSSER, 2007, p. 89).

Podemos acrescentar ao raciocínio de Flusser que, a fala, por exemplo, que parece ser nossa por natureza, é produto de um aprendizado, é diferente de cultura para cultura, assim como a escrita e os gestos. Menear a cabeça em sinal de concordância ou franzir o cenho por estranhamento não são gestos naturais, instintivos, embora aparentemente inconscientes. Em uma esfera de outra complexidade, também não é natural fazer poesia, cinema, teatro, dança. Todas estas linguagens são artifícios humanos, muito diferentes da dança das abelhas quando encontram mel. Do mesmo modo que a comunicação não é natural, a Teoria da Comunicação também não é uma disciplina natural, explicativa.

Para Flusser, esta condição não natural é o que define o homem como um ser político, já que as suas relações não são naturais e mesmo aquelas mais primitivas, tais como a amamentação e o sexo, são ações artificializadas, marcadas pela cultura.



Não há dúvidas de que a cultura imprime na mãe um olhar diferenciado para o filho amamentado, uma forma de se comportar durante o aleitamento, condições públicas e diferenciadas de se oferecer o seio ao alimentando, ainda que um seio deserotizado, mas que pode se tornar contraventor, agressivo e censurado. Basta lembrar o episódio em que a mãe que amamentava o filho em um Instituto Cultural de São Paulo (2011) foi convidada a se retirar do recinto, já que o lugar era inadequado para o ato, na avaliação de um dos seguranças. Estabelecida a polêmica e, atenta a mídia ao fato, alegou-se que a interpretação do segurança teria relação com a proibição de “se alimentar” naquele local, curiosamente um local de cultura e de arte. Os diretores pediram desculpas às mães que, indignadas, organizaram um “mamaço” na frente do instituto. Para remediar a situação os dirigentes disseram que orientariam melhor os funcionários, além de que todas as mães eram bem-vindas, com ou sem suas crias penduradas às tetas. Mas é fato que há toneladas de notícias semelhantes mundo afora, mãe expulsa de pub por amamentar em Londres, outras presas, outras indignadas porque as colegas não se dignam a cobrir os peitos enquanto amamentam. Enfim, trata-se de um ato natural, de uma comunicação profunda entre mãe e filho, entretanto, trata-se também de um ato nada natural, profundamente marcado pela cultura e pelos intertextos do erotismo, das sanções, da incompreensão coletiva. O sexo, necessidade primitiva para a preservação da espécie, é marcado pela cultura, ritualizado, erotizado, desviado de sua função reprodutiva para o lúdico e certamente é ele uma das maiores interferências confusas no ato de amamentar, contaminado de culpa pelo desejo e o olhar do outro.

Flusser afirma, entretanto, que nem sempre o caráter artificial da comunicação é consciente: “após aprendermos um código, tendemos a esquecer a sua artificialidade” (2007, p.90). Ocorre, deste modo, uma falsa naturalização daquilo que nasce artificial.

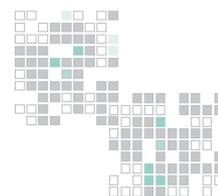
Os códigos, explica Flusser, tornam-se uma espé-

cie de segunda natureza. O mundo artificializado da segunda natureza nos faz esquecer do mundo da primeira natureza. A comunicação promove o artifício de nos iludir em relação à nossa condição de seres mortais e solitários. Assim, o objetivo primeiro da comunicação seria, sobretudo:

*nos fazer esquecer desse contexto insignificante em que nos encontramos – completamente sozinhos e “incomunicáveis” – ou seja, é nos fazer esquecer desse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte – o mundo da natureza (ibidem).*

A comunicação humana é, portanto, “um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte” (ibidem). A partir deste objetivo essencial da comunicação, o de nos fazer esquecer de nossa essencial natureza, a de seres mortais, é que Flusser justifica a condição do homem como um animal político. O autor explica essa condição humana “não pelo fato de ser um animal social, mas sim porque é um animal solitário, incapaz de viver na solidão” (idem, p. 91). A comunicação, podemos afirmar, é, portanto, somando-se o pensamento de Flusser ao de Marcondes Filho, a busca pelo evento comunicativo, ou seja, pelo incorpóreo resultante de uma transformação, a da comunicação eficaz, um lapso que nos ilude de nossa condição de seres mortais e solitários.

A Teoria da Comunicação é classificada por Flusser como uma disciplina interpretativa, já que ela necessita criar significados, interpretar os fenômenos muito mais do que explicá-los. E o autor complementa este raciocínio ponderando que, uma coisa torna-se natureza na medida em que é explicada, ou se torna espírito na medida em que alguém decide interpretá-la. Neste caso, a diferença entre ciência natural e ciência do espírito (ou ciências humanas) é definida pelo posicionamento do pesquisador. Um mesmo fenômeno, analisado sob aspectos diferentes, passa a ser um fenômeno diferente. A nuvem explicada não tem relação com a



## A comunicação explicada, portanto, é diferente da comunicação interpretada. São fenômenos diferentes. Interpretar é um modo aberto de se entender a comunicação – um metáforo, mais que um método.

nuvem interpretada, não é o mesmo objeto, tornando-se nuvens diferentes uma da outra de acordo com o ponto de vista. Flusser aponta a comunicação como uma disciplina interpretativa, ou seja, um fenômeno significativo a ser interpretado. A comunicação explicada, portanto, é diferente da comunicação interpretada. São fenômenos diferentes. Interpretar é um modo aberto de se entender a comunicação – um metáforo, mais que um método, mais uma vez somando-se Flusser e Marcondes Filho.

Flusser pondera sobre a comunicação humana como inatural, contranatural, ao se propor a armazenar informações adquiridas, o que a torna negativamente entrópica, já que, ao passo que tudo tende à desorganização, a comunicação humana propõe uma organização das informações e acrescenta que esta é uma característica fundamental do homem, um animal que encontrou truques para acumular informações adquiridas. Este acúmulo de informações é um processo, mais do que de necessidade, de liberdade, segundo o teórico.

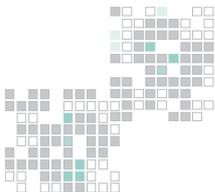
Comunicar é deste modo, na visão de Flusser, uma tentativa de dar significado à insignificância de uma vida assombrada pela morte. A comunicação humana é, por isso, um fenômeno de liberdade, cujo propósito maior é iludir. Trata-se de uma ilusão que serve para tornar a vida vivível. Passamos a viver, então, em um mundo codificado, construído a partir de símbolos ordenados, e nele se represam as informações adquiridas.

Flusser descreve duas formas fundamentais de comunicação, que não se excluem, são interdependentes, mas que são distintas em diversos aspectos. Ele explica que para produzir informação, os homens trocam diferentes informações disponíveis na esperança de sintetizar uma nova informação – a comunicação dialógica. Na segunda forma descrita

por Flusser, as informações existentes são compartilhadas para que possam resistir ao efeito entrópico da natureza – a comunicação discursiva. Sobre a relação entre estas duas formas, Flusser explica que o discursivo não pode viver sem o dialógico. Para que haja um diálogo é necessário que tenha havido antes a apreensão de discursos. Para que haja um discurso o emissor tem que dispor de informações produzidas no diálogo anterior. A grande dificuldade, entretanto, pondera o autor, é a produção de diálogos efetivos. Ocorre uma onipresença dos discursos dominantes, o que torna os diálogos impossíveis e desnecessários. Mais uma vez, o pensamento de Flusser e o de Marcondes Filho parecem correr em paralelo: o que resta ao homem é a incomunicabilidade. Ao contrário do que parece, nem tudo é comunicação efetiva.

A comunicação, agora segundo Flusser, só alcançaria o seu objetivo quando houvesse um equilíbrio entre discurso e diálogo. Quando há um predomínio dos discursos, o que ocorre, segundo o teórico, é a solidão entre os homens, apesar do permanente contato com as fontes de informação. Quando, por outro lado, ocorre um predomínio dos diálogos provincianos, a mesma solidão assoma àqueles homens que se sentirão extirpados da história. E, reforçando nossa proposta, uma mudança momentânea de referencial para, em seguida, voltarmos ao texto:

*As ciências intelectuais, sendo naturais ao homem, como ser dotado de reflexão, não pertencem especialmente a uma só nação: constata-se que todos os povos civilizados entregaram-se ao seu estudo e conheceram tão bem uns quanto outros, quais seus princípios e quais as questões de que tratavam. Estas ciências existiram para a humanidade desde que houve civilização no mundo (Khalidun, 1332 -1406).*



### 3. Michel Serres, os cinco sentidos, Hermes, anjos e a comunicação

Em várias obras de Michel Serres, o tema da comunicação é tratado de maneira pouco convencional. Atentando para uma de suas obras, “A lenda dos anjos”, de 1993, que deve ser classificada como ensaio de comunicação – e não como um estudo teológico ou de angeologia – sobre os problemas atuais da sociedade tecnológica, que tem no conceito de comunicação o seu centro de reflexão filosófico.

Assim, temos diante de nós um primeiro conceito importante, as *Mensageiras*, ou seja, aquelas mensagens que atravessam paredes, como as mensagens que seguem por e-mail, celular e outros aparatos tecnológicos que fazem desse um momento comunicacional. Porém, como visto antes, reduzem o conceito de comunicação apenas aos cânones consagrados.

O francês parte da filosofia que, “não é um saber, nem uma disciplina dentre as ciências usuais, pois ela se atém a esse balanço entre o todo e o nada” (SERRES, 1999, p.121). Entendendo, nesse todo, o enciclopédismo, e no nada, a ignorância, a abertura para o não pensado, dúvida, incerteza, erro, o pensamento lateral.

Diante desse posicionamento, Serres critica duramente a repetição, por isso insiste sempre que a invenção [conceitual] é melhor que a certeza rigorosa, pois, a primeira pode levar ao erro, contudo, a segunda, leva à imobilidade (1999, p. 172). Por isso, contra algumas correntes usuais, defende que a honestidade intelectual consiste em escrever o que se pensa e no que se acredita como autor:

Uma palavra sobre esta última palavra, que provém do direito romano e significa: a garantia de autenticidade, de lealdade, de uma afirmação, de um testemunho ou juramento. Mas, originalmente, significa aquele que aumenta; não aquele que toma, resume ou reduz, mas somente aquele que faz crescer. Autor, aumentador... todo o resto é engano. A obra evolui no crescimento, como uma árvore ou animal (ibidem, p. 110).

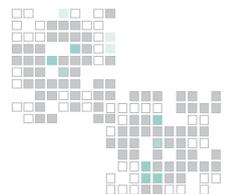
Tudo isso nos indica que Serres não trabalha com

o fixo, o rígido, o sólido, mas ao contrário, com os fluxos, o flexível, o mole no seu fazer filosófico e, a comunicação por ele entendida e refletida, segue esse caminho através das Mensageiras, dos cinco sentidos na comunicação da sociedade [dita] comunicacional. Apenas ilustrando, outro filósofo contemporâneo, Norbert Bilbeny, dirá que, sem os sentidos não temos a possibilidade ética na era digital (1997). Mas, conforme Marcondes Filho,

*A grande contribuição de Michel Serres, no nosso entender, na construção de uma Nova Teoria da Comunicação, assim como de um caminho para a investigação de casos de comunicação, está em sua epistemologia, que, segundo ele, é “menos sólida” e mais fluida, apostando nos fluxos, sempre em busca do fugaz e do fugidio. Tradicionalmente pensou-se sempre em termos do sólido, do resistente, do rijo, do cristalino. A ciência não fez outra coisa senão apoiar-se naquilo que era estável (nossa herança parmenidiana, diríamos nós). É hora de inverter e começar a olhar o que é vivo, mutante, em transformação (2008).*

Para alcançar seu intento, Serres busca na filosofia atomista greco romana, na qual resgata o conceito de *clinamen* (declinação), ao qual Epicuro chamava o movimento espontâneo dos átomos que o levava ao desvio para fora da linha de queda causada pelo seu peso, “este movimento espontâneo não implica uma deliberação consciente, é uma espécie de liberdade mecânica” (BRUN, 1987, p. 66). Também Lucrécio e, posteriormente, Leibniz “autor da primeira filosofia da comunicação, diz Serres, a comunicação das substâncias, não das relações” (Marcondes Filho, 2008) desenvolveram suas filosofias baseados no *clinamen*, sem, contudo serem levados a sério pela “ciência”, dada a dificuldade de comprovação desse movimento.

Serres, porém, consoante à busca pelo novo, caminha nesses passos demonstrando o quanto o desvio é importante e criador, já que “o desvio, rigorosamente, é o princípio da vida... se há um



mundo é porque eles são divergentes em relação ao zero” (MARCONDES FILHO, 2008). Na obra *Filosofia Mestiça*, (1993) Serres já desenvolvia a ideia de um terceiro que vai além da síntese do um e outro, dessa ou daquela língua, daquela pureza que uma filosofia – e por extensão uma teoria da comunicação – esperam; o terceiro é como o arlequim, resultado de suas múltiplas peles, andanças pelo universo marcadas em seu corpo e impossíveis de desnudar (SERRES, 1993, p.1-6).

Por isso, fazer filosofia e comunicação é utilizar os cinco sentidos e não apenas a linguagem, é fazer que todo o corpo comprove que existe mais coisas no mundo do que podemos dizer delas, o mundo é mais que a linguagem.

Aqui sua proposta de uma teoria da comunicação já se delinea: uma teoria da comunicação dos corpos onde

*Ele é o primeiro suporte da memória e da transmissão, nada no entendimento deixa de passar antes pelos sentidos, ele foi nosso primeiro cogito. Eu sinto, vejo, saboreio, ouço, cheiro, toco, diz Serres, e daí eu falo. Mas trata-se de um corpo oco, poroso, perfurado, ao estilo do corpo pleno sem órgãos (MARCONDES FILHO, 2008).*

Estamos diante do *clinanen* antes descrito, do vazio e do cheio, do movimento, da declinação, de certa forma de caos necessário, visto que a natureza busca o simples e o necessário, daí a felicidade e rompe a mecânica linear dos átomos, criando o novo, daí a liberdade para o homem, conforme dizia Epicuro.

Assim sendo, a comunicação ocorre, em todos os momentos do mundo, o mundo é o espaço da comunicação. Contudo, a comunicação nesse mundo fica nas mãos de alguns poucos poderosos e, dessa forma, o caminho é abolir esse “atravessador” e falar diretamente com o outro, sem intermediários, em uma transmissão direta, aos modelos daquela que os jovens marcam quando de suas manifestações sem apoio de partidos ou instituições sociais.

Uma interessante imagem é descrita por Marcondes Filho:

*A comunicação é a produção de um terceiro a partir da confluência de dois... um terceiro entre a primeira e a segunda pessoa, circulando entre suas relações. E só se inicia de fato quando as pessoas baixam suas guardas: o diálogo, em realidade, diz Serres, é praticado por quatro pessoas: as duas que se falam, o terceiro excluído, que é o demônio delas, mais o terceiro incluído, sua esperança, um deus que nasce no meio delas (2008).*

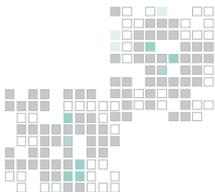
É a comunicação como contado direto entre as pessoas, e entre as pessoas e o mundo. A partir daí, Marcondes Filho propõe um método novo para a comunicação que “ultrapassa” os citados anteriores: o êxodo e o rodeio como método.

O êxodo é a partida, é o perder-se. É o ensinar a partir, como própria essência da pedagogia, “de fato, nada aprendi sem que tenha partido, nem ensinei ninguém sem convidá-lo a deixar o ninho” (SERRES, 1993, p.14). Errante, escolhe a bifurcação e vai pela estrada rumo ao lugar ignorado. Desse encontro temos o mestiço, homem e lugar mestiços agora.

No momento em que se parte, tudo começa. A comunicação com o outro e com o mundo, também inclui a solidão de se encontrar no meio, entre duas margens após uma partida. Nem lá, nem cá. São as referências anteriores que se desmancham e o fazem estrangeiro. Mas esse corpo estrangeiro apreendeu outras relações, já se faz um novo corpo e não apenas um corpo que se deslocou.

O êxodo como método enseja à sedução, ou seja, à condução para outro lugar. A busca pelo caminho diferente, menos óbvio, menos fácil que a comunicação garante em seus manuais e modelos. Nessa partida, busca-se ainda pela sensibilidade, “palavra que significa a possibilidade ou a capacidade em todos os sentidos”, nos diz Serres.

Outro momento do mesmo método é o rodeio que também significa fazer acompanhar,



envolver-se. Como nos lembra Serres, para criar é necessário saber tudo e ter trabalhado bastante. Contudo, um complicador: a ciência, a crítica, o ensino tradicional esterilizam, pois tratam apenas de analisar e julgar, “eis a maneira própria dos impotentes, que, em conjunto, desfrutam de todos os poderes” (1991, p. 114).

O rodeio do pensamento, que divaga, percorre espaços, vazios e turbilhões, se quer criar deve entrar com todo o corpo, sentimentos aflorados na pele, solidão do abandono do fácil e cômodo, liberdade, prazer, raiva, paixão e resistência. Tantos sentimentos e estados resistindo contra “tanto as obras já realizadas como das instituições que as parasitam” (ibidem).

#### 4. Buscando comunicação, fluxos, anjos, sentidos novos mais os cinco

A que comunicação nos referimos, portanto? A esta comunicação em palimpsesto, construída de modo provisório em pergaminho que se reescreve continuamente. Dos textos iniciais, restam pedaços que complementam as novas ideias e se constroem intertextos, nos quais são válidos os acasos e as bre-

chas a serem novamente preenchidas, as entrelinhas, o imprevisível.

Com Marcondes Filho, Flusser, Serres, buscamos a comunicação como evento transformador, único, irrepetível, no qual entra em jogo também a inserção da subjetividade e da intuição. Buscamos a permissão e o rigor de um método que se possa construir em paralelo, com o olhar para os objetos da comunicação, que se descubra no processo e que seja transitório e flexível como a própria comunicação. O que se espera é entender como se constituem os artificios que se constroem a fim de nos fazer esquecer de nossa condição de seres irremediavelmente solitários e mortais. A comunicação como esforço de organização do caos. A própria teoria da comunicação como ciência interpretativa que busca dar sentido ao que não faz sentido algum, mais do que explicar o que não terá mesmo explicação. Um método participativo, mais que investigativo, no qual se invista todo o corpo, com todos os sentidos e com a possibilidade da experiência, sabendo-se que, a comunicação é a essência da própria vida, e “a vida não é só isso que se vê, é um pouco mais”, como já diziam Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BILBENY, Norbert. *La revolución en la ética*. Hábitos y creencias en la sociedad digital. Barcelona: Anagrama, 1997.
- BRUN, Jean. *O Epicurismo*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo Codificado*. Por uma filosofia do Design e da Comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- KHALDUN, IBN. *Os prolegômenos ou Filosofia Social*. Tomo terceiro. São Paulo: Editora Comercial Safady Ltda., tradução integral e direta do árabe de José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury, 1960.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação, uma ciência anexata e contido rigorosa*. In: Comunicação – novo objeto, novas teorias? Teresina: EDUFPI, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Michel Serres e Os Cinco Sentidos da Comunicação*. Revista *Novos olhares*, 6 Novembro de 2008, Disponível em: <http://tinyurl.com/cnvpdq>. Acesso em 28/8/2011.
- SERRES, Michel. *Hermes*. Uma filosofia das ciências. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia Mestiça*. Le tiers. Instruit. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A lenda dos Anjos*. São Paulo: Aleph, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Luzes*. Cinco entrevistas com Bruno Latour. São Paulo: UNIMARCO Editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Os cinco sentidos*. Filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

